

(_ _ _) Literatura x Mitologia x Psicanálise são os traços predominantes que se encontram aqui, nesse campo da Intertextualidade.

DULCINEA SANTOS —TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS ESCOLA DE PSICANÁLISE — VI JORNADA DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

Traços da Paixão segundo G. H.

“tornar-se humano pode se transformar em ideal, e sufocar-se de acréscimos... Ser humano não deveria ser um ideal para o homem que é fatalmente humano, ser humano tem que ser o modo como eu, coisa viva, obedecendo por liberdade ao caminho do que é vivo, sou humana. E não preciso sequer cuidar da minha alma, ela cuidará fatalmente de mim, e não tenho que fazer para mim mesma uma alma: tenho apenas que escolher viver. Somos livres e este é o inferno.” (128)¹

G.H. são as iniciais dessa personagem de Clarice Lispector que aí fala. Através de uma trajetória mítica, aventureira, onde busca a sua identidade – no princípio dos tempos – ela irá realizar um doloroso rito de passagem, uma iniciação²: vai despersonalizar-se, retirando a máscara que lhe empresta a beleza expressiva; vai deseroizar-se, rompendo com a civilização que cultua; entra num processo doloroso de desumanização, desfazendo todas as construções de identidade que adquirira ao longo de sua história e que lhe encobrem a matéria-prima de que é feita. Nessa iniciação que chama de demoníaca, ela descerá até o inferno – lugar da queda – e apenas nele, e através dele, é que lhe será revelada a experiência inquietante, silenciosa, de sua identidade originária: revelação colhida no medo da matéria-viva – lugar da verdade – que lhe tirará a esperança de viver a vida na promessa que se fazia, e não na vida ela mesma; revelação apreendida na linguagem antilógica do silêncio que se inscreve, incessantemente, ao redor de si; revelação captada na hierofania, a qual toma a realidade e magicamente a transcende; revelação vivida na manifestação luminosa da epifania. Esses, os traços da Paixão.

G. H. mora na cobertura de um elegante edifício de treze andares, na zona carioca. Tem independência financeira. Nunca teve marido nem filhos. É escultora. Vivia bem. Vivia “na supercamada das areias do mundo.” (72)¹ Vivia uma vida aparentemente bela e expressiva e de prazeres indulgentes, conforme dizia. Seu dom especial, arrumar, ordenar as coisas. Por isso, num determinado dia em que Janair, a empregada, lhe falta, G. H. resolve pôr

DULCINEA SANTOS — TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS ESCOLA DE PSICANÁLISE — VI JORNADA DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

ordem no caos. Decide começar pelos fundos da casa: o quarto da empregada que ela supunha imundo – lugar de dormir e de guardar entulhos, geralmente inúteis, que um dia talvez pudessem ter serventia. É exatamente aqui que o destino de G. H., “G. H. até nas valises”, conforme enfatizava, vai ser tecido. É nesse território – o quarto da empregada – fundo da casa, que ela irá realizar “todos aqueles gestos que repetem o ato da Criação”². Aí ela irá comungar com o elemento neutro que ligas todas as coisas: matéria-prima não criada, e com a qual se cria. E aí, exatamente aí, é que ela irá descer a máscara. Para realizar essa difícil e dolorosa passagem, G. H. elege um amigo-coadjuvante a quem chama, mais tarde, de amor, porque este é “tão inerente quanto a própria carência”, intui ela. (179)¹ Escolhe-o para dar-lhe a mão: tem medo do descampado. Liberdade é condição. Intencionalidade é traço. Ambos marcam a trilha. “somos livres e isto é o inferno”, afirma ela. (Estamos sós e sem desculpas”, lembro Sartre).

G. H. em busca de. À procura de. Os traços da Paixão se pronunciam. A seguir.

(_ _ _) a intencionalidade

“eu não sabia que tudo aquilo já fazia parte do que ia acontecer.” (38)¹

— — — — —

Ao decidir pôr ordem no caos, G. H. ainda não compreendia que essa ordem que ela buscava, não era a ordem que a definia – dada a partir de suas construções historicamente feitas; mas era outro tipo de ordem. Era a ordem colocada ao avesso. A ordem aqui seria desordenar primeiro. Desorganização: um (des)caminho. Mas algo aí já marcaria a sua marcha: a crença. E, por isso, ela inventa um amigo e toma-lhe da mão. A busca que, nesse momento, empreende, é ditada por uma voz interior que fala. A vida é feita de matéria viva: “isso fala”, isso invoca. Mais adiante, ela se vê na danação de sua alma, que a sacode, impiedosamente, arremessando-a para o destino inexorável que a guia, de dentro do inferno que desconhece. Desde o instante em que G. H. determinou-se, na intenção de, consciente, arrumar o apartamento, começando pelo quarto da empregada e, ao fazê-lo, atravessando a cozinha que a levaria até a área de serviços, e aí ainda parando, para divagar num cigarro, com o propósito de terminar essa arrumação no “living”, já nesse percurso, havia-se inscrito nela a voz que subjaz à crença. A intencionalidade é “opaca”, “confusa”, “significante”. Mas vem dela – que traz em si “coisas que ignora e que teria de descobrir.”³ É por esse motivo que ela pede a mão amiga para segurá-la e evitar que ela se perca. “Oh, pelo menos no começo, só no começo. Logo que puder dispensá-la, irei sozinha” (22)¹,

DULCINEA SANTOS —TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS ESCOLA DE PSICANÁLISE — VI JORNADA DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

apela. E inventa esse amigo. Sente medo do desamparo. Profundo medo. Do tamanho do horror. Esse, o traçado.

(_ _ _) o medo ancestral

“Não me deixes ver porque estou perto de ver o núcleo da vida – e, através da barata que mesmo agora renego, através dessa amostra de calmo horror vivo, tenho medo de que nesse núcleo eu não saiba mais o que é esperança.” (64)¹

G. H. pára na entrada da porta do quarto da empregada. Surpreende-se. O que lhe deveria estar imundo, está transfigurado – numa claridade de cor: figuras brancas, quarto limpo. Diante de si, entronizada no sagrado, Janair, é rainha; seu, o reino; a Ásia, o tempo da antiguidade – ab origine; três esfinges inscritas na parede, um homem, uma mulher e um menino. E uma barata-escaravelho. Nesse lugar, “reverberações de telhas, de antenas, de edifícios”. G. H. fora destituída de sua propriedade. O quarto, agora, é quarto-minarete. Seu medo: acessar uma verdade que não deseje, uma verdade que a faça rastejar, no nível da barata. E que, ao igualá-la a essa “amostra de calmo horror vivo”, faça-lhe perder a esperança, e viver o grave da vida: a carência, a falta (156)¹ – pois, afirma, prescindir da esperança significa ter que passar a viver, e não apenas a se prometer a vida. E esse é o maior susto que se pode ter. (151)¹ Medo da aventura de ser. Desumanização. Descaminho. Perda das identificações colhidas nos projetos adquiridos ao longo da vida. Do alto para onde se arremessara, das construções que erguera nos ares, a queda – no descampado desse traçado mítico.

(_ _ _) a hierofania

“Uma noiva de pretas jóias. É toda rara, parece um único exemplar. Prendendo-a pelo meio do corpo com a porta do armário, eu isolara o único exemplar.” (75)¹

A barata. Uma espécie rara preparada para a cerimônia, com “a máscara da solenidade.” Uma barata “de pretas jóias”. Modelo. Arquétipo. A barata ancestral. Barata mítica. Rito de construção. Ela existia aí, in illo tempore, há milhões e milhões de anos magicamente se
DULCINEA SANTOS —TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS ESCOLA DE PSICANÁLISE — VI JORNADA DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

repetindo. G. H. olhou-a paralisada. E ela, a barata, olhava-a. Cada olho dela reproduzia-a inteira. Cada olho, um inteiro. G. H. recuada. O que ela via? A vida para ela olhando. Coisa viva. (61)¹ Via. Não entendia. Náusea. “Era parda, era hesitante como se fosse enorme de peso. “(56)¹ G. H. sente medo. Profundo medo. Medo da “fauna alada”. Mas ela agora sabia que deveria admitir o perigo. Queda ao nível da Natureza. Tomada pelo ódio, deseja matar a barata. Essa barata que vive o tempo dos princípios, na “abolição do tempo profano, da duração, da história”, do significado. Tempo sagrado dos imortais. Tempo mítico. Um tempo traçado pela magia vivida nessa hierofania.

(_ _ _) a linguagem do silêncio

“é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino, volto com as mãos vazias. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu.” (180)¹

“Isso fala”. Linguagem antilógica do neutro que fala o que não pode ser dito. É preciso descer ao nível da barata, esse exemplar mítico; para isso, é preciso operar o sacrifício da linguagem humana, essa construção “ilusória” e “profana”. “Isso que fala” lateja, incessantemente, no inferno do mundo, e G. H. quer vivê-lo. Ela quer captá-lo nos interstícios inefáveis da atualidade, descontinuando a esperança, a promessa e o futuro, ao se voltar para o passado mais remoto de si mesma. Em busca da identidade originária, captada no mais breve instante deste inefável que é a matéria viva da qual se vive. G. H. esmaga a barata pelo meio. Agora é preciso comê-la. É preciso colocar na boca a massa branca da barata. (67)¹ Ela quer comungar a matéria viva, nessa realidade transcendente da comunhão. Porque “a humanização impede a humanidade”; “a beleza impede a identidade”. No mundo não há nenhum plano estético nele, intui ela. (162)¹ Comer a matéria viva expulsá-la-ia do “paraíso de adornos” em que vivia. (76)¹ A beleza é um “engodo suave”, um modo como ela enfeitava a coisa para poder “tolerar-lhe o núcleo”, entendia. (161)¹ Será preciso descer a máscara, a beleza expressivamente exterior. Será preciso ouvir a linguagem do silêncio, para deixar falar “Aquilo de que se vive – e por não ter nome só a mudez pronuncia”. (178)¹ É preciso ouvir o silêncio gerando sua própria linguagem. “Um silêncio extremamente ocupado” (105)¹. “O perigo de meditar”, diz ela, “é o de sem querer começar a pensar, e pensar já não é meditar, pensar guia o objetivo. “ “Um murmúrio neutro”. O silêncio destece o que a linguagem humana tece. “o que parece falta de sentido – é o sentido.”

DULCINEA SANTOS —TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS ESCOLA DE PSICANÁLISE — VI JORNADA DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

G. H. esmagou a barata. Náusea. Suas entranhas rejeitavam aquela massa. Cerra os olhos. Por que sentia nojo daquela massa que saía lentamente da barata? , pergunta-se; não bebera do branco leite, massa líquida materna? E ao beber a coisa de que era feita a sua mãe, não a havia chamado, sem nome, de amor? (167)¹. Suava da cabeça aos pés. Vomita o leite e o pão do café da manhã. É preciso cumprir o rito, o único gesto que reuniria seu corpo à sua alma – em comunhão. Crispa suas unhas na parede. Sente o nojento na sua boca. “O gosto insípido do neutro”. “O gosto da identidade das coisas”, “a raiz mais profunda e mais viva”. Agora já não quer mais a sensibilidade que “faz bonito”, não quer a “cara bem-feita”, não quer o “expressivo”, “o inumano dentro da pessoa”. Até agora tinha da vida uma “sentimentação”. “Mas estar vivo é outra coisa”, intuía. (160)¹ Ela comungará com o outro, no outro, depois de ouvir a misteriosa linguagem inenarrável do silêncio. Uma irradiação opaca, o escuro. O escuro, um modo de ser; a coisa, aquilo que rodeia o intocável das coisas. (141)¹ “Um murmúrio neutro” – o traço trançado pelo nó vital.

(_ _ _) a epifania

Desde a pré-história eu havia começado a minha marcha pelo deserto, e sem estrela para guiar, só a predição me guiando, só o descaminho me guiando – iluminada de paixão, eu enfim encontrara o escrínio. E no escrínio, o faíscar da glória, o segredo escondido. O segredo mais remoto do mundo, opaco, mas me cegando com a irradiação de sua existência simples, ali faíscante em glória que me doía nos olhos. Dentro do escrínio o segredo:

Um pedaço de coisa.

Um pedaço de ferro, uma antena de barata, uma calíça de parede.” (140)¹

Deserto é descampado. É o informe. É o caos anterior à Criação. A marcha até a ele, uma iniciação demoníaca, por G. H. Feita pela via da desumanização: comer a matéria-prima, passando do humano ao inumano; pela via da despersonalização: “as coisas criadas conservam-se sempre iguais ao momento em que foram criadas” (76)¹; pela via da deseroização: viver a vida em vez de promê-la a si, uma desilusão. Caminho árduo, traçado na via crucis da Paixão – a única passagem. Perigoso caminhar em direção ao núcleo da vida, o centro do ser – dói a visão, pode causar cegueira e até loucura – ele é opaco e incandescente ao mesmo tempo. E o saber, o saber é fruto proibido. “A lei manda que, quem comer do imundo que o coma sem saber. Pois quem comer do imundo sabendo que é imundo – também saberia que o imundo não é imundo. É isso?”. (77)¹ Está no Apocalipse, lembra ela. O imundo é a raiz mais profunda, intui. G. H. perde todas as malas com suas iniciais gravadas. (119)¹ Vive a passagem: “o deserto é vivo.” Vive-a no “gozo DULCINEA SANTOS —TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS ESCOLA DE PSICANÁLISE — VI JORNADA DE ESTUDOS

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

orgiaco”: “Quem, como eu, sabia que nunca havia mudado de forma desde o tempo em que me haviam desenhado na pedra de uma caverna? E ao lado de um homem e de um cachorro?”. (100)¹ Aconteceu! Na simples trajetória que vai do “living” até ao quarto de Janair. “Iluminada de paixão”, G. H. descobre o tesouro: UM PEDAÇO DE COISA. “Esse pedaço de coisa dentro do escrínio é o segredo do cofre. E o próprio cofre também é feito do mesmo segredo, o escrínio onde se encontra a jóia do mundo também o escrínio é feito do mesmo segredo. “. (139-140)¹ Revelação. G. H. se identifica: DO UM. “É PARTICIPAÇÃO DIVINA”. “O” Deus, com esta marca da substantivação, é real. E explica: “só temos de Deus o que cabe em nós. (A nostalgia não é só do Deus que nos falta, é a nostalgia de nós mesmos que não somos bastante; sentimos falta de nossa grandeza impossível-). (153)¹ G. H. não dá uma resposta humana ao enigma. G. H. encontra o próprio enigma. “Isso” é vivido por ela. Isto é dito por ela.

(_ _ _) “Il y a de l’Un”. “Y a d’l’Un”. “Y en a”. “ En a”. Caminhando sozinha, agora, por essas trilhas aqui deixadas, brinco com esses traços achados na atividade lúdica de Lacan. Oxalá!, qual criança que se perde, no seu modo próprio de meditar em liberdade, eu vivesse, então, uma epifania! Deparasse-me por aí com um arco-íris e, qual Lacan, com seu caleidoscópio de letras feito, eu pudesse mirar, num breve instante de glória, o Um estruturante!... E conseguisse colher, entre as cores primárias do arco-íris, o branco neutro que há nele – pois as cores reunidas do arco-íris nada mais são do que a mostra de que há nelas, como em todas as coisas, o Um do qual cada uma delas participa. E assim eu estaria vivendo, no centro, esse lugar da verdade, da identidade verdadeira. E assim viveria, privilegiadamente, um momento de Paixão.

Esses são os traços. Traços da Paixão. A Paixão Segundo G. H. .

Notas ¹ Lispector, Clarice. A Paixão segundo G. H. 14^a ed. RJ. Ed. Francisco Alves. 1990.

² Eliade, Mircea. In Arquétipos e Repetição.

³ Laplanche, Jean. Problemáticas IV. O Inconsciente e o Id. SP. Martins Fontes. 1992.